

DO EXERCÍCIO AO CENÁRIO DE INVESTIGAÇÃO: UM OLHAR CRÍTICO SOBRE A EDUCAÇÃO FINANCEIRA NO LIVRO DIDÁTICO

Carlos Henrique Soares¹

Ana Paula Freitas da Silva²

RESUMO

Em um cenário onde o endividamento e a desigualdade social no Brasil são grandes problemas, a educação financeira tem um papel importante na resolução de problemas do cotidiano. Ela pode ser considerada uma ferramenta de luta e cidadania contra a injustiça social. Por isso, sua inclusão recente nos currículos escolares destaca a importância de preparar os jovens para serem pessoas críticas na hora de lidar com o dinheiro, e não apenas compradores impulsivos, à mercê das poderosas campanhas publicitárias. Diante deste cenário, este trabalho objetiva analisar como a Educação Financeira vem sendo abordada em livros didáticos de Matemática do Ensino Médio aprovados pelo Plano Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) de 2021. A metodologia apresenta uma abordagem mista, utilizando como referencial a Educação Matemática Crítica de Ole Skovsmose, com destaque para a análise dos Ambientes de Aprendizagem. Essa teoria diferencia os exercícios (problemas fechados com uma única resposta) dos cenários para investigação (problemas abertos que promovem a discussão e a reflexão crítica). Os resultados parciais indicam que 77,7% dos exercícios analisados segue um modelo tradicional, com poucos elementos da realidade, enquanto apenas 12% incentivam o diálogo e a investigação. A diversidade de temas é um fator de destaque, sendo identificado nove das onze categorias de Educação Financeira, o que pode contribuir para uma literacia financeira mais robusta. No entanto, a grande maioria dos exercícios está concentrada na categoria de produtos financeiros, que, em sua maioria, trabalham o cálculo matemático mecânico sem um aprofundamento que utilize a realidade dos estudantes como ponto de partida para uma discussão mais crítica. Com a conclusão de todas as análises, espera-se que novos resultados e discussões sejam apresentados, aprofundando a compreensão sobre o papel do livro didático na promoção de uma educação financeira crítica e transformadora.

Palavras-chave: Educação Financeira, Educação Matemática Crítica, Livro Didático, Literacia Financeira.

1. INTRODUÇÃO

Na sociedade atual, praticamente tudo gira em torno do consumo. A todo momento somos incentivados de diferentes formas a estar adquirindo produtos ou serviços. Quando essas ações são tomadas de forma desequilibrada o provável resultado pode ser o endividamento e o comprometimento da renda familiar, por esta razão, entender sobre

¹ Universidade Federal de Pernambuco, Recife/PE, caarlloshenriquee23@gmail.com

² Universidade Federal de Pernambuco, Recife/PE, ana.pfsilva5@ufpe.br





planejamento financeiro, orçamento, investimentos e crédito pode ajudar as pessoas a fazerem escolhas conscientes e sustentáveis para a sua vida financeira (Teixeira, 2017).

Neste cenário, é necessário que a Educação Financeira (EF) ultrapasse seu papel meramente utilitário de ensinar a poupar e a investir, com objetivo de enriquecimento individual e atuação passiva sobre o sistema econômico vigente, passando agora a ampliar suas perspectivas, tendo como foco a construção coletiva e papel ativo dos cidadãos no combate das desigualdades sociais e econômicas atuais (Mazzi; Baroni, 2021). É nessa perspectiva que está a Educação Matemática Crítica (EMC), teoria proposta por Ole Skovsmose (2000, 2014) que busca a utilização da matemática como ferramenta de luta e cidadania, permitindo o desenvolvimento de habilidades para o entendimento, reflexão e questionamentos das estruturas que promovem as desigualdades e injustiças na sociedade.

A crescente relevância social do tema acarretou na sua inclusão nos currículos da Educação Básica brasileira por meio da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) nos anos de 2017 e 2018, passando a ter espaço de discussão também no contexto escolar. Nas escolas, a Educação Financeira (EF) desempenha um papel crucial na formação dos estudantes, permitindo que eles desenvolvam habilidades para lidar com o dinheiro de forma equilibrada, além de gerar discussões e reflexões mais profundas, analisando criticamente a realidade da vida financeira e suas consequências para a sociedade (Mazzi; Baroni, 2021).

O desenvolvimento das habilidades é construído de diversas formas, dentre elas podemos destacar a utilização do Livro Didático (LD) como material pedagógico de apoio para professores e estudantes nesse processo, atuando como mediador entre o currículo e a sala de aula. Diante deste cenário, questiona-se *Como a Educação Financeira está sendo abordada nos livros didáticos de Matemática do Ensino Médio, aprovados no Plano Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) de 2021?*

Desse modo, este artigo objetiva apresentar de que maneira a Educação Financeira está sendo inserida nos livros didáticos de Matemática do Ensino Médio aprovados no Plano Nacional do Livro e do Material Didático de 2021. Para tal, iremos discutir a Educação Financeira e como esta é trabalhada na escola, juntamente com a Educação Matemática Crítica e seus ambientes de aprendizagem.

2. EDUCAÇÃO FINANCEIRA

Nos últimos anos, o acesso facilitado ao crédito no Brasil por meio de cartões, empréstimos e crediários ampliou o consumo e ao mesmo tempo aumentou o endividamento e





os problemas financeiros da população. Nesse contexto, a Educação Financeira surge como um meio de promover escolhas mais conscientes, levando em conta a realidade econômica e os impactos do consumo excessivo (Pessoa, 2016).

Contudo, Muniz e Jurkiewicz (2013) alertam que, além de professores e pesquisadores, há diversos agentes que podem promover a “educação”, como órgãos governamentais, bancos e instituições financeiras. Cada um deles apresenta suas próprias definições e estratégias para ensinar EF a adultos, jovens e crianças, cada um buscando alcançar seus objetivos previamente traçados.

Em 2005, a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE³) lançou o documento “*Recommendation on Principles and Good Practices for Financial Education and Awareness*”, propondo diretrizes para a Educação Financeira nos países (Brasil, 2022). Com base nessas orientações, foi criada a Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF) por meio do Decreto nº 7.397/2010, sob coordenação do Comitê Nacional de Educação Financeira (CONEF). Para Brasil (2011) a definição de EF é o:

“[...] processo mediante o qual os indivíduos e as sociedades melhoram sua compreensão dos conceitos e dos produtos financeiros, de maneira que, com informação, formação e orientação claras, adquiram os valores e as competências necessários para se tornarem conscientes das oportunidades e dos riscos neles envolvidos e, então, façam escolhas bem informados, saibam onde procurar ajuda, adotem outras ações que melhorem o seu bem-estar, contribuindo, assim, de modo consistente para formação de indivíduos e sociedades responsáveis, comprometidos com o futuro” (Brasil, 2011, p.3).

Baroni e Maltempi (2021) alertam que a proposta de “melhorar” a compreensão sobre conceitos e produtos financeiros pode reforçar uma visão voltada ao consumo, sem estimular uma análise crítica sobre sua real necessidade. Os autores destacam também que o endividamento das famílias brasileiras não deve ser visto apenas como falta de planejamento, nem que a EF se limite ao ensino de controle de gastos ou de cálculos matemáticos, é necessário que outras perspectivas sejam discutidas e analisadas, antes que haja uma definição fechada sobre as possíveis soluções para essa situação, por isso abordaremos a seguir as discussões sobre a Educação Financeira Escolar (EFE).

2.1 Educação Financeira Escolar

³ A OCDE tem suas origens em 1960, quando 18 países europeus, os Estados Unidos e o Canadá se unem como objetivo de criar uma organização que dedique seus esforços para o desenvolvimento econômico. (Silva; Pessoa; Carvalho, 2018, p.70).





Neste trabalho, escolhemos a definição de Educação Financeira Escolar (EFE) proposta por Silva e Powell (2013), pois defendemos uma abordagem crítico-político-social do tema quanto ao desenvolvimento em sala de aula. Os autores entendem que:

A Educação Financeira Escolar constitui-se de um conjunto de informações através do qual os estudantes são introduzidos no universo do dinheiro e estimulados a produzir uma compreensão sobre finanças e economia, através de um processo de ensino que os torne aptos a analisar, fazer julgamentos fundamentados, tomar decisões e ter posições críticas sobre questões financeiras que envolvam sua vida pessoal, familiar e da sociedade em que vivem (Silva; Powell, 2013, p. 12).

Silva e Powell (2013) criticam a influência de instituições financeiras privadas na elaboração do Programa Educação Financeira nas Escolas, argumentando que essa participação pode comprometer seu caráter educacional ao priorizar interesses corporativos em detrimento do bem coletivo. De forma semelhante, Teixeira (2017) destaca a importância da Educação Financeira nas escolas, mas reforça que é preciso analisá-la de forma crítica. Para ela, a EF deve incentivar uma reflexão em estudantes e professores sobre suas escolhas de consumo, levando em conta suas realidades econômicas e possíveis influências do sistema financeiro no ambiente escolar.

Os autores mencionados destacam elementos que contribuem para a promoção de uma Literacia⁴ Financeira baseada em princípios de cidadania e ética. Segundo Muniz (2016, p. 31), esse conceito “significa um conjunto de capacidades, competências e habilidades para lidar com uma gama variada de situações financeiras”, sendo conceito-chave para o trabalho. No próximo tópico abordaremos a teoria da Educação Matemática Crítica de Skovsmose e sua contribuição para a nossa pesquisa.

3. EDUCAÇÃO MATEMÁTICA CRÍTICA

Nas últimas décadas, diversos autores têm discutido a relação entre a matemática presente na realidade e aquela ensinada em sala de aula. Diversas abordagens defendem a importância de tornar o ensino mais próximo da realidade dos estudantes, dentre elas destacamos a teoria de Skovsmose (2000, 2014), com a Educação Matemática Crítica (EMC), onde o autor enfatiza a importância de propor situações reais de aprendizagem que façam sentido para os estudantes. A EMC busca transformar a matemática em um instrumento de análise e transformação social, deixando de ser apenas uma disciplina abstrata para se tornar uma ferramenta de compreensão e intervenção na realidade, contribuindo para a formação de

⁴ Segundo D’Ambrósio (2002, p. 66-67) o termo literacia é identificado “como a capacidade de processar informação escrita e falada, o que inclui leitura, escrita, cálculo, diálogo, mídia, internet na vida cotidiana (instrumentos comunicativos)”.



cidadãos críticos, participativos e conscientes dos desafios sociais, políticos, econômicos e culturais (Skovsmose, 2014).

Um dos pontos chaves para a aplicação dessa teoria é a interação entre o professor e o estudante. Segundo Skovsmose (2000, 2014) a EMC ocorre quando professor e estudantes interagem por meio do diálogo, possibilitando a oportunidade de promover a democratização do saber, buscando um papel ativo dos estudantes, valorizando e tendo como base as experiências de vida de cada pessoa, no processo de ensino e aprendizagem da matemática.

Pessoa (2016), Mazzi e Baroni (2021), destacam que há aproximações entre a Educação Matemática Crítica (EMC) e a Educação Financeira (EF), pois ambas buscam promover a criticidade, autonomia, criatividade e o posicionamento dos estudantes, analisando os impactos do sistema econômico e buscando transformações voltadas à justiça social. Nesta pesquisa, o foco está sobre os Ambientes de Aprendizagem propostos por Skovsmose (2000, 2014), que serão aprofundados a seguir.

3.1 Ambientes de Aprendizagem

Segundo Skovsmose (2000, 2014), os Ambientes de Aprendizagem são os diferentes contextos de ensino e aprendizagem que podem ocorrer em uma sala de aula. Eles se organizam em dois paradigmas, o paradigma do *exercício* e o paradigma dos *cenários para investigação*, e em três tipos de abordagem: matemática pura, semirrealidade e realidade.

No paradigma do *exercício*, o foco está em resolver problemas utilizando apenas as informações fornecidas, sem a necessidade de explorar outros contextos ou reflexões além do enunciado. Já o paradigma dos *cenários para investigação* tem como objetivo despertar a curiosidade e o pensamento crítico dos estudantes, estimulando-os a analisar o papel da matemática em questões sociais, econômicas, culturais e políticas presentes em seu cotidiano (Skovsmose, 2014).

De acordo com Skovsmose (2000, 2014) os paradigmas, *exercícios* e *cenários para investigação* relacionam-se a três tipos de referências: matemática pura, semirrealidade e realidade, acarretando em seis diferentes ambientes de aprendizagem, como pode ser visto no Quadro 1, a seguir.





Quadro 1 – Ambientes de Aprendizagem

	Exercícios	Cenários para Investigação
Referência: à Matemática Pura	(1)	(2)
Referência: à Semirrealidade	(3)	(4)
Referência: à Realidade	(5)	(6)

Fonte: Adaptado de Skovsmose (2014, p. 54).

O ambiente tipo (1) representa a forma mais comum de ensino, centrada em exercícios puramente matemáticos, com comandos como calcule ou resolva, voltados à aplicação de fórmulas e procedimentos de modo abstrato, sem relação com o mundo real. No ambiente tipo (2), ainda se trabalha com conceitos matemáticos, mas o estudante é estimulado a refletir e investigar dentro do próprio campo da matemática. Há questionamentos e explorações, mas sem conexão com contextos sociais ou concretos. O ambiente tipo (3) introduz a semirrealidade, utilizando situações do cotidiano apenas como contextualização. Os problemas parecem reais, mas são hipotéticos e não necessariamente coerentes com a realidade prática, servindo apenas como ponte para a aplicação dos conceitos matemáticos (Skovsmose, 2014).

No ambiente tipo (4), esses mesmos problemas podem ser transformados em cenários de investigação, levando o estudante a questionar a veracidade e os contextos das situações apresentadas, estimulando uma postura mais crítica e participativa diante do conteúdo. Já o ambiente tipo (5) trata de problemas baseados em situações reais, vivenciadas no cotidiano. Questões que utilizam dados reais e aproximam a matemática da vida prática, mostrando sua utilidade social. Por fim, o ambiente tipo (6) vai além de trazer o real para a sala de aula: ele busca levar a aprendizagem para dentro da realidade. Nesse contexto, os estudantes investigam, criticam e propõem soluções, participando ativamente da construção do conhecimento (Skovsmose, 2014).

4. METODOLOGIA

Esta pesquisa é de abordagem mista, utilizando a análise documental como técnica de coleta de dados (Gil, 2022). Para iniciar essa etapa da pesquisa, foram escolhidas as três coleções de livros didáticos de Matemática com maior tiragem de exemplares no PNLD de 2021.

Com base nos dados do FNDE (2024) as coleções com maior tiragem foram *Prisma - Matemática* da editora FTD, com 1.038.210 de unidades, seguida por *Matemática em Contextos*



da editora Ática com 326.098 unidades e Conexões da editora Moderna com 232.246 unidades, por esse motivo foram selecionadas como o corpus da pesquisa (FNDE; 2024).

Para identificar exercícios com potencial para o desenvolvimento da EF nas coleções de livros, foram usados os critérios de Azevedo (2019). Segundo o autor, um exercício tem esse potencial quando aparece de forma clara no livro ou quando trata de temas como compras, vendas, descontos, decisões financeiras, ética e sustentabilidade ligadas às finanças.

A classificação dos exercícios foi realizada manualmente com base nos Ambientes de Aprendizagem de Skovsmose (2000, 2014) e a categorização ocorreu de acordo com os critérios adotados por Santos (2017), justificando os motivos que nos levaram a associar o contexto do exercício com a categoria escolhida, apresentadas no quadro a seguir:

Quadro 2 – Categorias de classificação dos exercícios relacionados com a EF

CATEGORIAS	CRITÉRIOS
Influência das propagandas/mídia	Exercícios que discutam com os estudantes situações de compra em que as propagandas exercem influência na tomada de decisão, seja a partir da discussão de situações fictícias ou da apresentação de textos que retratavam a influência das propagandas/mídia no consumismo.
Guardar para adquirir bens ou produtos	Exercícios que remetam aos estudantes as discussões sobre guardar dinheiro, sobre a necessidade de poupar para realizar algum sonho ou ainda para alguma situação emergencial.
Desejos versus necessidades	Exercícios que estimulem os estudantes a refletir sobre situações em que é contrapostos os desejos e as necessidades, com reflexões tais como: realmente preciso comprar esse bem? O que eu quero é um desejo ou uma necessidade? Tenho condições de esperar esse produto baixar de preço para que eu possa adquiri-lo ou trata-se de algo emergencial?
Economia doméstica	Exercícios que discutam com os estudantes situações vivenciadas em seu cotidiano familiar, tais como o consumo exagerado que pode ocorrer em uma residência, a partir do descuido com a quantidade de lâmpadas acesas em casa, por exemplo.
Tomada de decisão	Exercícios que sugira aos estudantes situações em que eles teriam que escolher entre duas ou mais opções propostas.
Produtos financeiros	Exercícios que discutam com os estudantes acerca do conhecimento e utilização de produtos financeiros, tais como cheques, cartões de crédito e empréstimos, financiamentos, poupança etc.
Sustentabilidade	Exercícios que discutam com os estudantes, explicitamente, questões relacionadas a um consumo consciente, com reflexões, por exemplo, sobre a utilização de produtos anteriormente utilizados por outra pessoa ou a reciclagem de materiais, em busca da diminuição de um consumo exagerado.
Consumismo	Exercícios que discutam com os estudantes, principalmente, questões relacionadas a um consumo exagerado, questionando, por exemplos, quais medidas os estudantes consideravam que poderiam ser adotadas para diminuir essa prática e conscientizar as pessoas.
Planejamento financeiro	Exercícios que proporcionem aos estudantes a capacidade de organizar recursos financeiros individual ou familiar e estabelecer metas de curto, médio e longo prazo.
Trabalho e renda	Exercícios que promovam nos estudantes o reconhecimento da importância do trabalho na geração de renda explorando suas diversas formas (emprego formal,





	autônomo, etc.) e sua aplicação eficiente no orçamento pessoal e familiar.
Economia e Impostos	Exercícios que permitem aos estudantes analisar os indicadores econômicos (inflação, IPCA, PIB, câmbio, etc.) e tributos (IRRF, IRPF, ICMS, INSS), buscando compreender os impactos desses elementos na vida financeira de cada pessoal.

Fonte: Santos (2017), adaptado pelo autor.

Vale ressaltar que algumas categorias foram excluídas e outras foram acrescentadas, com o intuito de adequar as temáticas ao contexto das situações que são abordadas nos exercícios.

5. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Com relação aos exercícios encontrados, geralmente eles não tratam o contexto da Educação Financeira (EF) de forma clara, mas abrem possibilidades para refletir sobre o tema proposto. Por outro lado, há um alto número de questões de Matemática Financeira (MF), focadas no cálculo mecânico de juros e outros produtos usando fórmulas e dados fictícios (semirrealidade), o que limita a investigação e o questionamento por parte dos estudantes. No total, foram encontrados 251 itens de exercícios, considerando os itens de uma mesma questão contados separadamente, caso um estivesse relacionado à EF e o outro não. Os dados encontrados foram agrupados na tabela a seguir com base nos ambientes de aprendizagem de Skovsmose (2000, 2014).

Tabela 1 – Quantitativo geral dos exercícios de EF categorizados por ambiente de aprendizagem

Ambientes	Qtd. de exercícios	Porcentagem (%)
matemática pura + exercícios	72	28,7
matemática pura + cenários para investigação	0	0,0
semirrealidade + exercícios	123	49,0
semirrealidade + cenários para investigação	8	3,2
realidade + exercícios	27	10,7
realidade + cenários para investigação	21	8,4
Total	251	100

Fonte: os autores (2025)

Analisando os dados obtidos identificou-se a presença de exemplos em quase todos os ambientes de aprendizagem, com a única ausência notada sendo no ambiente 2. A maior concentração de exercícios está nos ambientes 1 e 3, somando 195 exercícios, o que representa 77,7% do total. Skovsmose (2014) alerta para a necessidade de dar mais atenção a



esse desequilíbrio, especialmente em ambientes que usam informações artificiais e a matemática de forma puramente técnica e mecânica.

Os ambientes que incentivam a investigação e a realidade tiveram baixa representatividade: foram encontrados apenas 8 exercícios no ambiente 4 e 21 no ambiente 6, totalizando 12% do volume. O ambiente 5 também teve um número baixo, com 27 problemas. A baixa ocorrência desses exercícios que promovem a curiosidade, o diálogo, a reflexão e a tomada de decisão é preocupante, pois, conforme Skovsmose (2014), são eles que criam espaço para o desenvolvimento da criticidade, criatividade e autonomia dos estudantes na busca por soluções para problemas sociais, usando a matemática como ferramenta.

Com relação as categorias que foram contempladas, existem alguns exercícios que foram classificados para mais de uma categoria, por isso essa diferença entre o número geral e o total por categoria, que estão descritos na Tabela 2, a seguir:

Tabela 2 – Quantitativo das categorias dos exercícios de EF

Categorias	Quantidade de exercícios	Porcentagem (%)
Influência das propagandas/mídia	2	0,8
Guardar para adquirir bens ou produtos	2	0,8
<i>Desejos versus necessidades</i>	0	0,0
Economia doméstica	0	0,0
Tomada de decisão	15	5,8
Produtos financeiros	177	68,7
Sustentabilidade	1	0,4
Consumismo	21	8,1
Planejamento financeiro	3	1,1
Trabalho e renda	21	8,1
Economia e Impostos	16	6,2
Total	258	100

Fonte: os autores (2025)

Das onze categorias propostas para o estudo, nove (81,8%) foram contempladas, o que indica uma alta diversidade temática nos exercícios. Essa variedade é crucial para desenvolver uma literacia financeira robusta, pois permite abordar a EF em diferentes aspectos que vão além da matemática, integrando outras áreas do conhecimento.

É importante ter uma gama diversificada de contextos, o que pode proporcionar discussões e reflexões críticas em múltiplos contextos, que irão capacitar os estudantes a tomar decisões financeiras com atenção à ética, ao meio ambiente e ao respeito às diferenças sociais, econômicas e culturais, o que é defendido por Muniz (2016)





Apesar da alta diversidade, um dado chamou a nossa atenção que foi a grande concentração de exercícios na categoria "Produtos Financeiros" (68,7%), focada em cálculos como juros e afins. Esse fato sugere que a EF ainda está sendo amplamente associada apenas à MF, o que pode contribuir como fator contribuinte para a limitação do desenvolvimento de uma literacia mais ampla e contextualizada pode ser limitado.

Como forma de representar o que foi discutido, apresentamos um exemplo de exercício, que apresenta as ideias da EMC e EF, que pode ser trabalhado em sala de aula. O problema apresentado está trabalhando dentro do ambiente de aprendizagem do tipo 5 que visa desenvolver o conhecimento matemático em situações reais, nesse caso o cálculo percentual de aumento de itens da cesta básica, dentro das categorias economia doméstica e também trabalho e renda.

Segundo o Procon-PE, o valor médio da cesta básica em Pernambuco subiu de R\$ 682,13 em setembro para R\$ 693,22 em outubro de 2025, um aumento de R\$ 11,09, equivalente a 1,63%. Com o salário mínimo fixado em R\$ 1.518,00, isso significa que uma família precisa gastar cerca de 45,67% da renda apenas com produtos essenciais. Entre os itens que tiveram reajuste no preço médio durante o mês de outubro estão: o quilo da batata inglesa, que foi de R\$ 4,54 para R\$ 5,55; o óleo de soja (900 ml) que foi de R\$ 9,23 para R\$ 9,62; o quilo do feijão carioca que passou de R\$ 5,92 para R\$ 5,99; e o sabão em pó (500 g) de R\$ 2,90 para R\$ 3,21. Qual dos itens citados teve o maior percentual de aumento?

Fonte: <https://www.diariodepernambuco.com.br/economia/2025/11/11699883-preco-da-cesta-basica-sobe-163-em-pernambuco-no-mes-de-outubro.html>. Acesso em: 07 nov. 2025.

De acordo com o direcionamento do professor outras discussões podem ser geradas a partir da abertura para o diálogo com os estudantes, discutindo por exemplo qual deveria ser o valor do salário mínimo para suprir as necessidades básicas de uma família, e assim entrar no ambiente 6 dos cenários para investigação, oportunizando também o aprofundamento das perspectivas e ampliação da literacia financeira. Vale destacar que, o uso dos conceitos de EMC e EF traz um ganho substancial para o aprendiz, de forma que este possa agora compreender, discutir e aplicar os conceitos trabalhados em sala de aula, no seu cotidiano, dando agora um novo significado aos conteúdos matemáticos.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados parciais desta pesquisa revelam que a Educação Financeira nos livros didáticos analisados ainda está em sua maioria preso a perspectiva da Matemática Financeira (MF), focando em exercícios técnicos de cálculo de juros e produtos financeiros, concentrados no paradigma do exercício e semirrealidade (77,7%). Essa abordagem mecânica e com dados artificiais limita a reflexão crítica, reforçando uma visão utilitária da EF que se





desvia do objetivo de preparar o estudante para a cidadania ativa e a luta contra as desigualdades sociais, conforme propõe Skovsmose (2000, 2014), através da Educação Matemática Crítica.

Apesar de o estudo ter identificado uma alta diversidade de temas (81,8% das categorias), o foco desequilibrado em "Produtos Financeiros" (68,7%) sugere que essa diversidade não está sendo realizada em contextos que potencializem uma literacia robusta. Por esta razão, para que a EF contribua de fato para a formação dos futuros cidadãos críticos que tomam decisões financeiras de forma equilibrada (Muniz, 2016), é essencial que os temas sejam abordados com maior intensidade e equilíbrio, deslocando-se para o paradigma dos cenários para investigação, como também equiparar com relação aos valores apresentados nas categorias contempladas.

É importante ressaltar que a pesquisa ainda não foi finalizada e os resultados apresentados são parciais. Após sua conclusão, espera-se que surjam novos dados e discussões, aprofundando a compreensão sobre o verdadeiro papel do livro didático na promoção de uma Educação Financeira crítica e transformadora.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Suedy, S. **Educação financeira nos livros didáticos de matemática dos anos finais do ensino fundamental**. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática e Tecnologia). Recife, 2019. Disponível em: <<https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/34457>>. Acessado em: 25 out. 2024

BARONI, Ana K.C; MALTEMPI, Marcos, V. **A educação financeira e a formação do professor de matemática**: uma compreensão e algumas possibilidades. In: BARONI, A. K. C.; HARTMANN, A. L. B.; CARVALHO, C. C. S. (orgs.) Uma abordagem crítica da educação financeira na formação de professor de matemática. 1.ed. Curitiba: Appris, 2021.

BRASIL. Banco Central do Brasil. **Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF)**. [S.I], Banco Central do Brasil, [2011]. Disponível em: <https://www.bcb.gov.br/acessoinformacao/legado?url=https:%2F%2Fwww.bcb.gov.br%2Fpre%2Fpef%2FPORT%2Fenef.asp>. Acessado em: 12 jun. 2024

BRASIL. Ministério da Casa Civil. **Histórico do Brasil na OCDE**. [S.I]: Ministério da Casa Civil, 01 ago. 2022. Atualização 08 nov. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/casacivil/pt-br/assuntos/colegiados/ocde/processo-de-acessao-brasil-ocde/historico-do-brasil-na-ocde>. Acessado em: 19 nov. 2024

BONJORNIO, José, R; GIOVANNI JR, José R.; SOUSA, Paulo, R. C. **Prisma - matemática** : conjuntos e funções. 1. ed. São Paulo : FTD, 2020.

DANTE, Luiz. R; VIANA, F. **Matemática em contexto**: geometria plana e geometria espacial. 1. ed. São Paulo: Ática, 2020.





LEONARDO, Fabio, M. **Conexões - matemática e suas tecnologias**. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2020.

MAZZI, Lucas, C.; BARONI, Ana, K. C.; **Diálogos possíveis entre educação financeira e educação matemática crítica**. In: BARONI, A. K. C.; HARTMANN, A. L. B.; CARVALHO, C. C. S. (orgs.) Uma abordagem crítica da educação financeira na formação de professor de matemática. 1.ed. Curitiba: Appris, 2021.

MUNIZ, Ivail Júnior. **Econs ou Humanos? Um estudo sobre a tomada de decisão em ambientes de Educação Financeira Escolar**. Tese de Doutorado. Pós-graduação em Engenharia de Produção, Coppe, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2016.

MUNIZ, Ivail; JURKIEWICZ, Samuel. **Educação Econômica-Financeira: uma nova perspectiva para o Ensino Médio**. Anais do VII Congresso Iberoamericano de Educação Matemática – VII CIBEM, Montevideo, 2013. Disponível em: <https://funes.uniandes.edu.co/wp-content/uploads/tainacan-items/32454/1167852/Muniz2013Educa25C325A725C325A3o.pdf>. Acesso em 25 mar. 2025

PESSOA, Cristiane, A. S. **Educação Financeira: O que tem sido produzido em mestrados e doutorados defendidos entre 2013 e 2016 no Brasil?** In: CARVALHÊDO, J.; CARVALHO, M. V.; ARAUJO, F. (orgs.) Produção de conhecimentos na Pós-graduação em educação no nordeste do Brasil: realidades e possibilidades. Teresina: EDUPI, 2016. E-book. Disponível em: <<https://www.passeidireto.com/arquivo/67970954/trabalhos-encomendados-e-book>>.

SANTOS, Laís T. B. **Educação financeira em livros didáticos de matemática dos anos iniciais do ensino fundamental**: quais as atividades sugeridas nos livros dos alunos e as orientações presentes nos manuais dos professores? Dissertação (Mestrado em Educação Matemática e Tecnológica). Universidade Federal de Pernambuco, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/25196>. Acesso: 13 jan. 2025

SILVA, A. D. P.; PESSOA, Cristiane. A. dos S.; CARVALHO, L. M. T. L. Panorama da educação financeira escolar em documentos oficiais. **Tangram – Revista de Educação Matemática**, Dourados - MS – v.1 n. 4, pp. 66-86 (2018). Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/tangram>. Acesso em: 6, abr. 2024.

SILVA, Amarildo. M.; POWELL, Arthur. B. **Um programa de educação financeira para a matemática escolar da educação básica**. In: Encontro Nacional de Educação Matemática, 11, Curitiba - PR Anais..., Curitiba, PR, PUCPR, 2013.

SKOVSMOSE, Ole. **Cenários para investigação**. Bolema, Rio Claro, n. 14, p. 66-91, 2000.

SKOVSMOSE, Ole. **Um convite à educação matemática crítica**. Campinas, SP: Papirus, 2014.

TEIXEIRA, James. **Um estudo diagnóstico sobre a percepção da relação entre Educação Financeira e Matemática Financeira**. Tese (Doutorado em Educação Matemática). 131 São Paulo: PUC-SP. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/11025>. Acesso em: 11jul. 2022.

